

EDUCAÇÃO

Documentário conta a história das crianças que aprendem fora da escola

Os 'unschoolers' aprendem pelas próprias vontades, não têm rotina e ignoram a separação das disciplinas do ensino tradicional

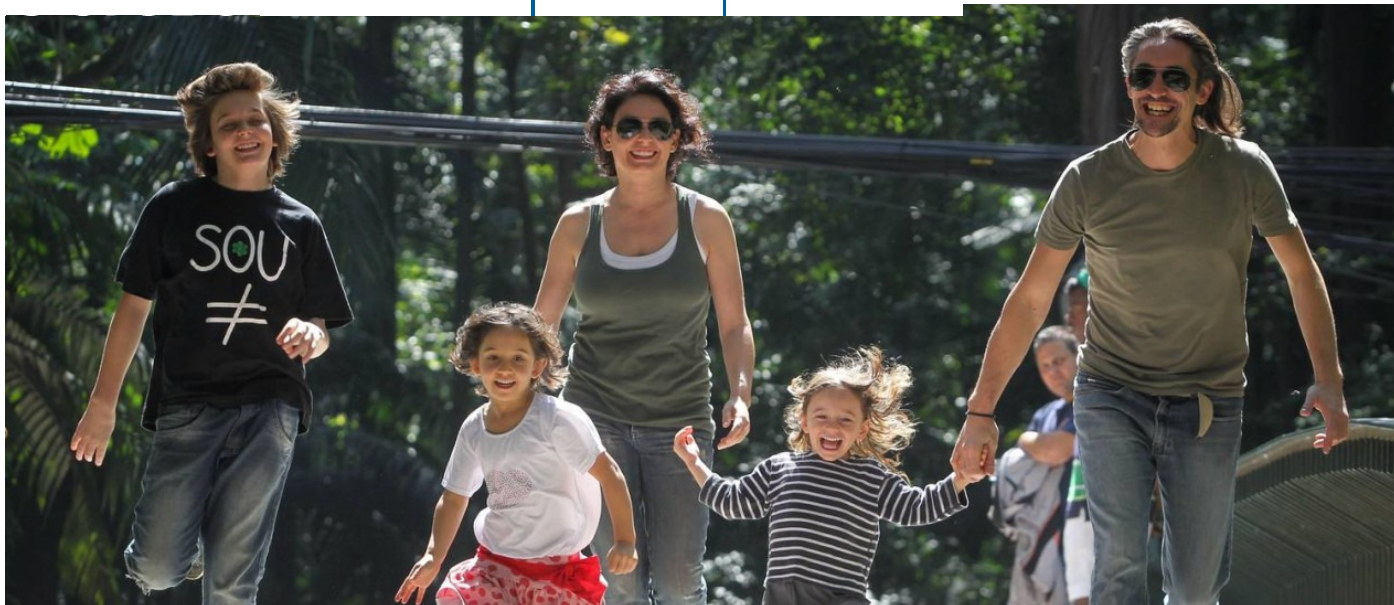
POR **O GLOBO**

07/10/2014 16:00

SOCIEDAD

COMPARTILHAR

BUSCAR



Gabriel Baum com a mãe, Sabrina Bittencourt, o padrasto e os dois irmãos: as três crianças são 'unschoolers' - **Marcos Alves**

RIO - Quando um adulto quer puxar assunto com uma criança que pouco conhece, pergunta sobre a escola. Em que colégio você estuda? Qual é a sua matéria preferida? Como se chama a sua professora? Conclui-se logo que, se a pessoa tem pouca idade, está matriculada em uma instituição de ensino. As únicas exceções possíveis são aquelas em que as crianças vivem em condições adversas, com problemas de saúde, por exemplo, que a impediriam de frequentar uma sala de aula. [Pois o documentário “Vivendo e aprendendo” \(“Being and becoming”\), de Clara Bellar, em cartaz no Festival do Rio, mostra outra](#)

realidade: há aqueles que não vão à escola porque seus pais tomaram a decisão de deixá-los aprender movidos por suas próprias vontades. É o chamado *unschooling*, ou desescolarização, em tradução livre. A partir do momento em que começou a pensar na educação do próprio filho, Clara ouviu falar sobre o *unschooling* e foi atrás de exemplos em diferentes países. Aparecem no filme famílias dos Estados Unidos, França, Inglaterra e Alemanha. Neste último, ao contrário dos outros, não frequentar a escola é proibido por lei. O *unschooling*, a diretora explica, não é como o ensino domiciliar, normalmente chamado de *homeschooling*, em que os pais fazem o papel de professores e estruturam um programa de aulas e deveres a serem feitos em casa, com currículo e horários determinados.

VEJA TAMBÉM

[Relatório da Unesco indica avanços dos países do Brics na área de educação](#)

[Movimento Entusiasmo pede integração entre as escolas e as ruas](#)

[Empoderamento e fim da fragmentação são soluções para ensino no Brasil, defendem educadores](#)

— Não há dois dias “iguais” na vida de uma criança desescolarizada. Eu diria que a maior parte do tempo as crianças que vivem dessa forma estão mais fora do que dentro de casa. A separação que existe entre as disciplinas dentro do colégio não se repete na vida. Outro dia estava observando uma

criança que brincava com barcos de papel. Ela mesma decidiu colocar bandeiras neles e dizer que ali aconteceria uma batalha mundial. Um pai de um *unschooler* aproveita um momento assim para abrir um atlas e ver, junto com a criança, como são as bandeiras, pesquisa com o filho sobre os países, trata dos seus acontecimentos mais importantes. História e Geografia estão envolvidas no processo, percebe? E tem arte também, pois é um trabalho manual. Por isso a brincadeira e o jogo são tão importantes no *unschooling*. O aprendizado acontece o tempo todo, enquanto brincam, enquanto estão concentrados em outra coisa...

O dia a dia de um *unschooler* nunca é igual ao do outro, mas quase todas as famílias que

optam por esse tipo de educação passam por um processo intenso de planejamento, tanto antes quanto durante. A empreendedora Sabrina Bittencourt, mãe de três filhos que estão fora da escola, conta que levou seis meses para se organizar quando o mais velho, Gabriel Baum, que hoje tem 12 anos, pediu para sair da escola, aos 8.

— Houve um redirecionamento de todos os projetos da família. Meu marido, padrasto do Gabriel, trabalha on-line, de qualquer lugar do mundo. Comecei a buscar trabalhos que me dessem mais liberdade e flexibilidade. Hoje, entre outras atividades, ajudo famílias a serem empreendedoras, a fazerem seus próprios planejamentos. Estou abrindo um espaço de coworking, com atividades para pais e filhos. O Biel, inclusive, já pediu para ser monitor por lá. Além disso, não tenho carro, não tenho televisão, não tenho empregada... Só com o que decidi cortar do orçamento, economizo R\$ 10 mil por mês. É o que aplicamos no que as crianças dizem ter necessidade, como mentores e atividades culturais. Mas não pagamos por tudo, pois também praticamos o consumo colaborativo, fazendo trocas o tempo todo com diferentes pessoas. Só gasto dinheiro com aquilo que não tem jeito. No dia em que descobrir como intercambiar conta de luz, farei isso também — brinca.

‘PEGADA EMPREENDEDORA’

Sabrina explica que cada família encontra o seu jeito. Existem aqueles, por exemplo, que decidem se mudar para uma cidade no campo, onde também trabalham, e passam a ter mais tempo para se dedicar aos filhos. Mas normalmente o empreendedorismo, que possibilita que os pais de *unschoolers* abram seus próprios negócios, é um caminho escolhido:

— O próprio *unschooling* tem uma pegada empreendedora. O Gabriel acabou descobrindo logo que queria trabalhar com alimentação saudável para crianças. Hoje é minichef, já lançou um livro, dá aulas de culinária, tem projetos próprios. Enquanto

nós estamos conversando, ele está em uma livraria, onde foi pesquisar sobre glúten, depois de algumas conversas que teve com seu mentor. Ele agora quer saber mais sobre amido, proteínas, emulsificação... É química, biologia, matemática, tudo ao mesmo tempo, assim como na vida. Como funciona? Ele busca o que quer na internet, procura livros e parte atrás de pessoas que possam ajudá-lo a entender aquilo pelo que se interessa. Nós sempre ajudamos. E ele não se limita à gastronomia. O Gabriel tem ido a uma agência ter aulas de edição de vídeo e está aprendendo marcenaria também. Depois grava vídeos para compartilhar o que aprende com outras pessoas, dentro de uma rede on-line de aprendizagem livre que fizemos chamada "Escola com asas", onde qualquer um pode ensinar qualquer coisa.

Segundo dados divulgados pela Aned (Associação Nacional de Ensino Domiciliar) em 2013, a estimativa é de que existam mais de mil famílias no país que fizeram a escolha pela educação fora da escola, usando diferentes métodos de ensino e aprendizagem. Ao contrário de outros países, em que a educação domiciliar é legalizada, no Brasil a legislação federal não admite essa prática de ensino, ou seja, a matrícula em uma instituição escolar é obrigatória. Mas a educadora Luciane Muniz Ribeiro Barbosa, doutora pela USP, que no ano passado defendeu a tese "Ensino em casa no Brasil: um desafio à escola?", explica que não há um consenso sobre essa questão.

— A maior parte dos juristas que dão parecer sobre o tema diz que a educação domiciliar é inconstitucional. Pelo Código Penal, aqueles que se mostram omissos ou negam a responsabilidade de matricular os filhos em uma instituição oficial podem responder pelo crime de "abandono intelectual", sob pena de detenção e multa. Mas há juristas que afirmam que há lacunas na Constituição que permitem interpretações a favor do ensino em casa. Há ainda o impacto de documentos

internacionais ratificados no Brasil, como a Declaração Universal de Direitos Humanos, que garantem a primazia dos pais sobre o Estado no que se refere à educação dos filhos.

CRÍTICAS À ‘FALTA DE SOCIALIZAÇÃO’

Quando se fala em *unschooling*, não é só a questão legal que entra em debate. A crítica mais comum que se faz ao ensino fora da escola, de maneira geral, é a questão da socialização. Educadores afirmam que a vivência no colégio, não só para se fazer amigos, mas também para se aprender coletivamente, é fundamental. A diretora Clara Bellar está convicta de que essa preocupação não procede em relação ao *unschooling*:

— Essas crianças crescem cercadas por outras crianças, de várias idades, nas atividades das quais participam, e de adultos também. Nós cultivamos ideias preconcebidas, de que as crianças não gostam de brincar com outras de idades diferentes, que não têm prazer em conversar e interagir com adultos, mas isso é algo que a própria escola acaba criando. Os *unschoolers* são muito sociáveis, estão acostumados com pessoas de diferentes faixas etárias e de diferentes classes sociais.

Para Luciane, a socialização também não se resolve somente quando a criança está na escola. Há instituições de ensino com meninos e meninas todos de uma mesma origem, de uma mesma classe social, nas quais existe a questão do *bullying* e da competição — ou seja, problemas existem dentro ou fora dela.

— Ainda assim, não sabemos como se dá a convivência dessas crianças que hoje não estão na escola tardiamente, em um ambiente de trabalho, por exemplo. Não há estudos significativos sobre *unschoolers*. Tem um dado interessante, de uma pesquisa chamada "Fifteen years later" ("Quinze anos depois"), feita no Canadá, em 2009, com uma geração de jovens que haviam sido

educados em casa. Eles mostram aspectos positivos, mas apontam também que alguns dos entrevistados dizem que o fator da socialização incomodou. Eles afirmaram que não estar em uma instituição de ensino reconhecida causava desconforto, especialmente na adolescência. Quando somos crianças e jovens, todos nos perguntam sobre onde estudamos, como é a nossa escola. Era sobre isso que falavam, ao localizar o problema.

O empresário Juan Bernabó tem 42 anos e, quando tinha por volta de 12, saiu da escola. Hoje sua filha, de 15, e seu filho, de 12, também são *unschoolers*.



Cena do filme "Vivendo e aprendendo", em cartaz no Festival do Rio - / **Divulgação**

— Eu mergulhava nas enciclopédias que meu pai me dava e já tinha contato com computador. Era um processo de intensa aprendizagem, e a escola parou de fazer sentido para mim. Lembro que a última aula a que assisti era sobre Pi. A professora dizia que o valor de Pi era 3,1415 e eu perguntava o motivo. Ela nunca explicou.

Atualmente Bernabó tem uma empresa de consultoria em gestão, que implementa modelos de inovação em outras empresas e cria startups. Ele nem tinha imaginado praticar a desescolarização com os filhos, o processo teve início quando leu uma reportagem sobre o assunto.

— Comecei a pensar em propiciar um

modelo diferente de educação aos meus filhos, que incentivasse o autodidatismo. O futuro da economia está em empregos que ainda não foram criados, e eu quero que meus filhos estejam preparados para isso. Também acredito que, se eles quiserem fazer faculdade, não terão problemas. Farão o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e saberão como se preparar para um exame como este.

No início do processo de desescolarização dos filhos, que chegaram a ir ao colégio quando mais novos, ambos tiveram um ano sabático. Bernabó acreditava que, se ficassem parados, o tédio faria com que tivessem o desejo de agir. E foi assim que aconteceu, segundo ele. Atualmente, o empresário segue o que seu próprio pai fazia: cria alguns estímulos, instiga e, depois, dá o suporte. O mais novo se interessa, no momento, por programação de games, assiste a vídeos do Khan Academy e recuperou a autoestima que vinha perdendo com a escola. A filha está nos Estados Unidos, faz cursos de vídeo e fotografia, tem ideias para criar um negócio próprio e se interessa pela área de startups.

Com as críticas que fazem à escola e com a força de vontade e dedicação que demonstram ao assumir a total responsabilidade pela educação dos filhos, os pais de *unschoolers* muitas vezes são confrontados com a crítica de que, em vez de simplesmente tirarem seus filhos das instituições, deveriam lutar pela melhoria dos colégios ou pelas mudanças que são necessárias.

— Algo que fica muito claro quando se conversa com alguns pais que optaram pelo ensino domiciliar, de forma geral, é o seu comprometimento. A atuação deles nas escolas de suas regiões poderia fazer delas as melhores do país: eles se esforçam, abrem mão de recursos financeiros, poderiam causar uma verdadeira revolução — acredita Luciane.

IMPACTO NA VIDA FAMILIAR

Existem outros dois pontos a serem considerados, segundo a educadora. O primeiro é a falta de pesquisas sobre o impacto desse tipo de ensino não só sobre as crianças, mas também sobre suas mães. São elas que mais comumente modificam suas vidas, muitas vezes param de trabalhar para mergulhar nesse processo. E são mães, um papel do qual nem sempre é possível se desvincular na hora de atuarem como um professoras ou mediadoras.

— A outra questão é que não há, no Brasil, um sistema de acompanhamento do Estado sobre a educação fora da escola. Ele teria que ser criado. São necessários pedagogos, assistentes sociais e psicólogos para avaliarem como estão indo essas crianças, se o direito à educação delas está sendo garantido. Ao mesmo tempo, os recursos para a educação no Brasil são escassos. Estamos tentando melhorar a escola pública. Nossos recursos devem ser destinados a formalizar um outro modelo de ensino neste momento? Esta questão é pertinente. O *homeschooling*, de fato, não é para todos. Há um grande número de mulheres que são chefes de família, não podem abandonar seus trabalhos. A escola é fundamental para garantir o direito à educação para grande parcela da população.

A comunicadora Bruna Brasil, que tem uma filha de 3 anos, conta que tentou por duas vezes matricular a filha em instituições de ensino formais, mas as experiências a fizeram se afastar.

— Percebi que a individualidade das crianças não era respeitada, havia sempre uma padronização do ritmo para todos. Em uma das escolas, não havia adaptação, as crianças pareciam assustadas. E percebi que minha filha, com 2 anos e meio na época, tentava acalmar as amiguinhas.

Quando Bruna decidiu tirar a filha da escola, resolveu que ela precisaria de uma rotina para estar fora de casa, para não ficar confinada. Cerca de três vezes por semana elas vão à Biblioteca Parque Estadual, no

Centro do Rio. Lá ela diz encontrar materiais pedagógicos, livros, parede de quadro-negro, wifi... A menina conhece outras crianças no próprio local. Bruna tem uma página no Facebook, onde faz uma espécie de diário mostrando o que a filha faz todos os dias, usando a hashtag #desafio100diasforaescola.

E o que poderia dar errado no processo de desescolarização, na visão dos próprios pais que vivenciam essa experiência? Para Sabrina Bittencourt, as falhas podem estar na expectativa que muitos adultos colocam em suas crianças:

— Não dá para achar que seu filho vai se destacar absurdamente em relação a crianças que estão na escola. Ou que no processo de saída da instituição de ensino vai ser tudo um mar de tranquilidade. Porque não vai. É preciso respeitar, acima de tudo, o ritmo de cada um.

SERVIÇO:

VIVENDO E APRENDENDO (*Being and becoming*). De Clara Bellar. Com Irvin Kershner, Rana Haugen Core, Naomi, Harvey, Oliver, Lennon, Yonatan Aldort. França / Reino Unido / Estados Unidos / Alemanha, 2014.

A atriz e diretora Clara Bellar percorre diversos países em busca de histórias de famílias que optaram pela não escolarização de seus filhos e pela confiança de deixá-los livres para aprenderem motivados por suas paixões. Viajando pela França, Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha, país onde não frequentar a escola é ilegal, a cineasta investiga o desejo inato de aprender das crianças. 14 anos

DOM (5/10) 20h40m - Estação Rio 3

SEG (6/10) 20h - Cinemaison de France

TER (7/10) 18h - Oi Futuro Ipanema

QUA (8/10) 16h45m - Centro Cultural da Justiça Federal 1